

# O BARCELLENSE

PERIODICO POLITICO, LITERARIO E NOTICIOSO

VII SERIE

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Por trimestre . . . . . 240 rs.  
Franco de porte . . . . . 260 "  
Numero avulso . . . . . 30 "  
Assigna-se em Barcellos, na casa de  
A. J. Monteiro de Lima, rua Direita.

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

QUINTA-FEIRA 13 DE OUTUBRO DE 1881

PREÇOS DOS ANUNCIOS

Na mesma casa recebem-se annuncios e correspondencias a 30 rs. por linha, com abatimento aos srs. assignantes da 4.ª parte—annuncios repetidos 15 réis.

NUMERO 21

Barcellos, 12

## JANTAR REGENERADOR

NA APULIA

(continuado do numero precedente)

Snr. Redactor.

Agradeço-lhe a publicação das emendas com que rectifiquei os erros sabidos na primeira parte da minha narrativa, e registro a promessa que me faz e o compromisso que toma de faser sabir em opusculo este primeiro fructo da minha penna irmanada com a do Antonio José.

Vamos d'esde já partir para o Porto a faser photographar nossas effigies na *União* ou no *Biel*, com tantas provas quantas os exemplares que v. tirar da nossa obra, a fim de cada um delles levar os nossos sympathicos retratos. É necessario. á parte a modestia, que se tornem conhecidos nossos semblantes e celebrados, como conhecidos e celebrados já o estão sendo nossos nomes e pennas, para que na frase vulgar, que tanto usa o meu vesinho da *Esquina*, (o mais ele-

gante de nossos correligionarios, corpo gentil em que tantas vezes se provaram os vestuarios dos phariseus do thio) a letra diga com a caretta.

Tambem lhe agradecemos, snr. redactor, o ter procurado, e posto todo o cuidado a esse fim, que a continuação da descripção do nosso jantar publicada no ultimo n.º do *Barcellense* sahisse mais correcta do que a primeira parte d'ella. Testemunho nos deu v. n'isso de ter tomado em consideração o pedido que lhe fiseramos de zelar nossa obra. Ainda assim, porém, não se apresenta ella inteiramente isenta de manchas typographicas, pois que lhe sumiu o compositor algumas conjunções, e lhe trocou alguns o o em a a, e vice versa, como se fóra tudo um. Mas não falemos nisso que são cousas de pouca monta, como diz o meu procurador que tambem mette o seu bedelho em latim—*de rebus minimis non curat preator*—.

Ponho aqui ponto, snr. redactor, para proseguir na narrativa do jantar, não obstante terem estranhado que eu a trouxesse a publico e no seu jornal alguns dos meus correligionarios politicos, aquelles mesmos que recusaram assistir ao brodio e criticaram que elle se dêsse na

Apulia... Deixal-os falar!. Tenho a minha opinião e não devo a cabeça a ninguem, e por isso...boas noites, senhores mandões lá de cima.... Não faço panella com vossês mas sim com os de cá de baixo.

De V. S.ª

& &

B. das Cautellas.

Dize-me tambem, Gonçalinho, se teu irmão Adelio, o facuado, (nata e flôr dos bons empregados, rapido e limpo em todo o serviço) se pôde haver como regenerador da gemma?!. Não é elle *constituente*, ou antes do partido do futuro, como o seu amigo, o illustrado e influente *Ne?*!

E o *Lume Prompto?* que partido lhe conheces tu, menino, que não seja o da barriga, isto é o de seu interesse e proveito?...Tirem-lhe a triste *substituição* que lhe deram, e á sombra da qual elle espera vender de sua tenda mais alguns kilos de figos, e fornecer os pratos para algum funeral, e tu verás como elle passa as palhetas ao nosso grupo..

E tu mesmo, oh Gonçalinho da minha alma, se estás, ou te dises regenerador, que outro vento te impelle n'esse sentido que não seja o de á sombra do nosso *Badana* poderes batotear e tabolejar á vontade, no proximo entrudo abrires francos e publicos banzés em que hajam direito de existencia as scenas mais immundas e torpes, é quem sabe ainda se a esperança de obteres do nosso deputado osso com que aguçares o dente durante o tempo que que te deixaram livre a safra da muita aseitona que colhes e a batota....

Só, pois, meu tolinho, como figura de rethorica se poderia admitir a tua affirmativa de ter-se attendido nos convites para o nosso festim só á *dedicação partidaria*...

Vá aqui já, para que me não passe o memorial-a, a *saude* que o *Lume Prompto* de Barcellinhos pediu para todos os seus collegas da mesma freguezia, com um bracejar descomposto, ainda além do que todos lhe conhecem como usual, e com o costumado carregar nos v. v. Do abuso d'estes não resultou perigo algum para os circumstantes, mas não assim do desordenado dar dos braços, pois o commensal seu

já saltando d'entre fragas, já serpeando por entre arvoredos, alarga os braços dehaixo da ponte nova, o sitio mais pittoresco, e reflectindo ao longo d'elle os castanheiros, os carvalhos e os salgueiros, offerece então aos olhos um limpido espelho e aos ouvidos um doce queixume produzido pelo som melancolico das successivas quedas de agua que nos accordam a saudade.

«O que nos encanta sobretudo em Vizella não são destacadamente os montes; nem as planicies, nem as margens do rio espelhando-se nas agoas, nem as casas de cores meio escondidas nas ramagens, e como que a espreitarem-nos curiosas; o que nos encanta é a phantasiosa desharmonia de todos aquelles elementos campestres d'onde brota uma das mais formosas harmonias que podem deliciar o espirito.

(Continúa.)

## FOLIETIM

No Minho

### Os arrabaldes de Vizella.

Eu não conheço nada mais formoso do que os arrabaldes de Vizella. A aldeia immunda, d'uma grande hediondez repugnante, sente-se envergonhada no centro d'aquellas bellezas com que a natureza a rodeou.

A *Lameira*, o coração da aldeia, é uma pequena alameda, onde os banhistas espairecem n'uma grande promiscuidade nauseante de porcos, de galinhas, de pobres premeditadamente andrajosos, mostrando chagas repellentes, cuidadosamente conservadas em proveito do seu perguicoso viver; mas as paysagens que circumdam este chiqueiro são d'uma belleza encantadora!

No alto vê-se o *chalet* mandado construir por um inglez, Vilby creio

em que se chama, a dommar o rio Vizella que em muitos logares se despenha em pequenas cataratas espumantes e que em outros corre manso com um sussurro meigo por entre as suas margens viçosas d'uma verdadeira constante.

Um escriptor elegante, D. Antonio da Costa, no seu livro, hoje já raro, intitulado—*No Minho*—, descreve assim os arrabaldes de Vizella:

«Era nado o sol, quando ao abrir a janella do meu quarto, sorri instinctivamente á formosura da pittoresca aldeia.

«Está situada n'uma baixa.

«Ao longe um semi-circulo de cordilheiras sinzentas compunha o fundo do quadro. A linha recortada no extremo horisonte variavn airosamente. Parte d'este fundo era de montes escavados. Outra parte um grande pinheiral. Do pinheiral até á aldeia a vegetação mais luxuriante de que meus olhos tinham memoria. No intervallo desde os montes até Vizella, ponto central, no

titulos formavam amphitheatros caprichosos, vestidos de verdura, afigurando alguns d'elles estarem suspensos no ar.

«Para a esquerda uma planicie sobranceira a outro amphitheatro apparecia-nos toda coberta d'arvores, cujo verde-escuro servindo de tecto campestre se destacava em lindo contraste da planicie verde-esmeralda, entremecendo-se estes dois verdes de modo que nos offerecia uma matiz d'effeito encantador. Do meio de toda essa verdura surgia a egreja parochial, branca de jaspe, tendo á direita uma planicie verdejante; á esquerda um quadrado de arvoredo e casas de diversas cores matisando ora a planicie, ora os amphitheatros.

«A aldeia apesar de situada n'uma baixa, fica sobranceira ao pittoresco rio e as formosas margens que elle banha, de maneira que as ramarias marginaes, em grande abundancia, estendem-se como largas alcantifas. O rio meio encoberto com tanta vegetação,

\*\*\*

visinho da direita abiscoutou um tapa-olho que o deixou a vêr as estrellas ao meio dia. Era elle, se me não engano, o Juliãozinho, o dos mil empregos, escripta-sachrista-enfermeiro-corista, e não sei que mais, mas por fim de contas um verdadeiro Pedro de Malasartes, muito afeiçãoado á boa pinga. Coitado!... ficou-lhe o olho que nem um repolho com a cotovellada do Lume prompto!...

O que houve de muito curioso, sr. redactor, foi a atrapalhação em que a maior parte dos convivas se viu nos começos do jantar, sem saber o como collocar as pernas, o como ter os braços, e qual o modo de melhor se servirem da faca e garfo... Se elles nunca se tinham visto n'outra! O amigo Badana que a todo o momento apregoava os seus conhecimentos a tal respeito e se abonava com o jantar dado ao Jeronimo Pimentel no Bom Jesus do Monte, (a 3:000 réis por cabeça, jantar de que o mesmo sr. Pimentel ainda hoje se recorda com horror... segundo o ouvi) esforçou-se, quanto pôde, para pôr os convivas em ordem, e sujeital-os ás praxes, mas não viu coroado de bom exito seu trabalho não só pela indocilidade dos discipulos, como porque os altos e tesos collarinhos de que ordinariamente usa e com que resguarda as suas consistentes e immoveis vertebbras cervicaes, o não deixavam acudir de prompto com os olhos a um e outro lado, a vigiar o como se portaram os seus educandos que a cada momento esquecidos do ensino ministrado voltavam aos seus habitos ordinarios de se servirem para comer mais dos dedos estremes do que do garfo e faca. E se até aos assados ainda a cousa foi meio cá meio lá, começados elles deixaram inteiramente, para a maioria dos commensaes, de servir os garfos, e desde então em diante só as unhas e os dentes fiseram as despesas da festa, e todo o osso encontrado por estes e aquelles foi achar, antes de passar ao bandulho da matilha do José Lorpa, que n'esse dia tirou o ventre de miseria, accommodação debaixo da mesa.

(Continúa)

B. das Cautellas.

Rara é a sessão da Camara Municipal d'este malfadado concelho de Barcellos em que a sua maioria regeneradora não dê testemunho e não lavre documento de sua intolerancia e genio subversivo das boas praxes e da equidade, subscrivendo a todas as exigencias, por mais despoticas que sejam, do adminis-

trador do concelho ou de qualquer dos galopins do seu corrillo politico.

Na penultima de suas sessões foi victima de seus dislates e furores o sr. Antonio de Sousa Gomes, carcereiro das cadeias, d'esta villa. Suspendeu-o a famosa maioria da vereação do seu lugar, dando como rasão d'este passo faltas por elle commettidas no exercicio de suas funções, e abonando-se para o fazer com a disposição do artigo 102 n.º 8.º do Cod. Adm.º que estatue como uma das attribuições da Camara « *o suspender e demittir os empregados da administração municipal, cujos vencimentos estejam a cargo do respectivo cofre, depois de ouvidos, quando pratiquem faltas graves, ou se tornem indignos de exercer as suas funções.* »

A falta grave que a *celelerrima* maioria invocou para assentar a ordenada suspensão, com quanto se não aponte nas communicacões feitas sobre esta, é, segundo se diz, o haver o carcereiro suspenso consumido em proveito seu umas tarimbas da cadeia, facto por que o sr. administrador do concelho mancomunado com o sr. presidente da camara (São agora Castor e Pollox os que ainda há bem pouco se arrebellavam, como gatos assanhados, pondo-se mutuamente a escorrer sangue...) tomou auto de investigação, em que, sem outra alguma prova ou decisão dos tribunaes a tal respeito, se fundamentou a decisão camararia.

Sem tratarmos de entrar aqui na questão de ser a Camara Municipal só por seu alvedrio e independentemente de qualquer queixa emanada de quem mais nos termos de a fazer com conhecimento de causa, competente para suspender e demittir o carcereiro, observaremos e frisaremos bem que o passo que a maioria da vereação Barcellense acaba de dar nem sequer ao menos o procurou ella acobertar com as apparencias da legalidade e com a observancia do que as praxes e as conveniencias publicas aconselhavam se fizesse, mas arrastada se deixar ir n'elle pelas exigencias de sua depravada politica e intransigente *posso quero e mando* dos chefes d'esta...

Diz mui expresamente o cit. n.º 8 do art.º 103 do Cod. Adm. que antes de ser suspenso ou demittido qualquer empregado municipal, deverá ser ouvido.

E foi-o o carcereiro suspenso?... De modo algum, pois que como *audencia* no sentido em que a toma o Cod. Adm.º se não pôde considerar nem ter o chamamento que a Camara fez do carcereiro a uma de suas sessões, e o inter-

rogatorio inquisitorial e arminoso que seu presidente e o sr. administrador do concelho ali lhe dirigiram sobre mil e uma cousas sem formulação de accusação determinada e precisa. Aquelle *depois de ouvidos* do Cod. Adm. supõe e importa consigo um processo regular d'accusação contra o empregado, com os diversos pontos ou capitulos das faltas em que elle incurso, bem especificados, e audiencia ou defesa do empregado sobre estes, e não por forma alguma o *dize tu, dice eu*, d'aquelle interrogatorio.

Passou, pois, a maioria da Camara em sua decisão, por cima d'esta formalidade e obrigação legal. Mas nem só n'isto foi irregular ser procedimento que tambem o foi, não pedindo informações nem esclarecimentos alguns ás auctoridades judiciais a quem a lei só incumbem a superintendencia das cadeias e a cujas ordens mui especialmente sujeita os carcereiros, sobre o procedimento do sr. Antonio de Souza Gomes, em tal qualidade, que ellas as mais competentes para diserem e informarem a tal respeito, e deixando de o fazer houve-se menos curial, menos conveniente e até menos *delicadamente*... E não lhe soffreu tambem o animo o esperar para assentar resolução, que tivesse andamento o auto de investigação tomado *ad hoc* pelo sr. administrador do concelho, e que os tribunaes sobre elle e o seu valor assemtassem juizo e decisão...

E' que dous motivos e ambos elles nada digno, e antes ao contrario bem tórpes influam na maioria da Camara e no sr. administrador para procederem como procederam. Um d'elles o recusar-se o sr. Souza Gomes a receber na cadeia qualquer preso, sem ordem escripta, visto assim lho haverem determinado as auctoridades judicias, em virtude do disposto no art.º 292 n.º 5. do Cod. Pen. 9 talvez para prevenirem abusos do sr. administrador, que a torto e a direito prendia e soltava a seu bel praser quem bem lhe parecia. O segundo o haver o mesmo sr. Sousa Gomes votado nas passadas eleições no candidato da opposição.

Dous crimes horriveis e espantosos!...

Talvez que voltemos ao assumpto, que hoje largamos por já ir este muito longo.

Um dos factos, que mais eloquentemente testemunham o desprestigio do governo, é o silencio, que em quasi toda a imprensa regeneradora se nota a respeito das repetidas e gravissimas accusações, que contra elle são formuladas.

Deveriamos antes d'zer *lastimoso* em vez de *silencio*, pois que de jornaes regeneradores, que o ministerio á altura da gravidade das circumstancias recebe mais violentas aggressões. A discórdia larva profundamente no seio da frígida familia, porque os membros d'ella não pôderam chegar ainda a perfeito accordo no tocante á repartição dos benesses e favores da governança.

Na capital só ha hoje duas folhas francamente ministeriaes: são a *Revolução de Setembro*, órgão especial do sr. presidente do conselho de ministro, e o *Diario de Portugal*, que parece ser o órgão particular do sr. ministro da marinha. Afóra estas duas folhas, nenhuma outra defende o ministerio em Lisboa, onde aliás ainda ha pouco tempo se publicavam algumas outras de politica regeneradora. D'estas algumas são francamente opposição ao actual ministerio; outras, mostram intermittencias; e ainda outras, entretem-se exclusivamente em combater os progressistas, como se ao encargo de defender o governo devesse ser anteposto o de guerrear uma situação, que já passou á historia. O abandono do governo na imprensa de Lisboa é quasi geral e o mesmo se observa na imprensa das provincias.

Nota-se ainda uma circumstancia importante. Os jornaes, que apoiam o governo, são ministeriaes por instincto, por dedicacão, ou por arranjo, e n'isso se ficam, porque não dão rasões, que o defendam. Esta omissoão é porventura ainda mais significativa do que o é aquelle abandono, porque se manifesta empenho em acudir ao governo sem se acharem argumentos, com que o proposito se realice. As mais graves accusações passam sem contestação. Leiam-se e releiam-se as folhas ministeriaes, que não se encontram n'ellas resposta aos factos positivos, articulados pela imprensa opposicionista contra o governo. A imprensa opposicionista limita-se a fazer estendal dos delictos e desatinos, que diariamente o governo pratica, porque não ha imprensa, que com ella discuta. Os accusadores formulam accusação, e os ministros curvam a cabeça... e continuam a arranjarse. Fazem ovidos de mercador, como quem tem a consciencia e sabe não poder apetrechar-se de boas respostas.

Esta situação, transportada para o parlamento, promette um espectáculo lastimoso. E dizemos lastimoso, porque acima dos castigo, que os ministros merecem pelo seu procedimento, pomsos o decoro do sistema parlamentar, que vai arrastado ao ultimo descredito. Se na imprensa o governo não tem quem o de-

fenda, nem sabe defender-se, é de presumir que o mesmo lhe succeda no parlamento. A seisão, que hoje divide e enfraquece a imprensa regeneradora, ha-de dividir e enfraquecer de igual modo a maioria, e tantos são os artigos de culpa, a que o governo tem de responder, que não ahvevemos como elle possa luctar um mez seguido com as difficuldades parlamentares. A crise, que ali foi annunciada pela imprensa regeneradora dissidente, tinha isto de logico: o convencimento geral de que o governo não podia defender-se nem tem quem o defendida. Para um governo n'estas circumstancias mais valia, em verdade, alijar o fardo a tempo em vez de se arrastar com elle até o transformar n'um peso de ignominia.

Agora se vê a razão, porque o governo procurou arredar da camara todos os deputados opposicionistas. Era a consciencia da sua fraqueza parlamentar. Depois da prorogação, que pediu para estudar as questões pendentes, o governo dissolveu precipitadamente a camara dos snrs. deputados, porque não podia aguentar-se n'uma discussão aturada. Oito dias d'uma discussão accesa, tel-ham deixado em fúrrapo. Para libertar d'esses apuros, proclamou nas eleições a sentença de extremismo. Queria achar-se só, para poder respirar. E vê-se agora que, se conseguiu excluir da camara muitos talentos, que n'ella seriam honra e amparo do systema representativo, nem porisso melhorou muito de situação. Apesar de tudo, não faltará quem accuse o governo: o que se não vê é quem o defende! E por ventura alguns dos mais acerbos accusadores hão-de saber d'essa maioria que o governo fabricou com tanta audacia como imprevidencia!

E' n'estas circumstancia, que o sr. presidente do conselho de ministros é glorificado pelos distinctos e relevantes serviços prestados ás instituições e á causa publica! Decididamente, nas altas regiões sopra um vento de insanía, e o desvairamento dos espiritos tornou-se contagioso.

## CONVITE

O abaixo assignado desejando suffragar a alma do artista honrado, e prestar-lhe cidadão, João Alves de Lima, convida por este meio todos os amigos do finado e seus, bem como a todas as pessoas que dotadas de sentimentos religiosos e elevados amam a fraternidade universal; a que se dignem assistir a uma missa resada que por alma do finado se ha de celebrar pelas 9 horas da manhã do dia 14 do corren-

te, na igreja da Veneravel Ordem Terceira d'eta villa.

Barcellos, 10 de outubro de 1881.  
Padre Antonio José Monteiro de Lima.

## NOTICIARIO

### O enterro do sr. João Alves de Lima

Sob pretexto de não ter dado «preceito á igreja» nos ultimos annos, recusou o parcho d'esta villa não sabemos se espontaneamente, se aconselhado por «alguem, sombra negra da religião», o dar sepultura em sagrado ao cadaver do sr. João Alves de Lima, cujo fallecimento abaixo noticiamos, e officinando n'esse sentido, segundo nos consta, ao sr. presidente da Camara Municipal, obteve d'este ordem para que a sepultura do homem honrado, caridoso e estimado de todos e sobretudo da pobreza, por quem distribuia todas as suas economias, fosse aberta na parte do cemiterio onde se enterram as creanças fallecidas sem baptismo e que não fosse, para mais saliente tornar o caso, aberta a sepultura no correr das outras, mas, ao travez d'ellas...

Sahido o prestito funebre da casa mortuaria com grande acompanhamento de amigos e respeitadores do finado, e de muitos d'entre aquelles a quem por innumeradas vezes enxugara as lagrimas e matára a fome com sua não nunca cansada de exercer a caridade, da Associação Humanitaria Barcellinense de que era socio e das duas confratias de que era irmão, cujos membros acima da vontade injustificada do parcho pesaram o cumprimento do seu dever, mas sem precedencia de cruz e acompanhamento de padre, assim seguiram para o cemiterio, aonde a voz unanime dos assistentes forçou o sr. administrador do concelho a não consentir que o enterramento se realisasse na sepultura a que atraz alludimos, aberta em condições e por modo que assignalava o cadaver do fallecido como o de um reprobado, engeitado do lado dos cadaveres de seus co-cadidos...

Ganha assim a primeira victoria da razão e do bom senso, e da humanidade e da lei sobre o zelo pharisaico da uns e a condescencia e obliteração da lei d'outros, a segunda victoria foi consequencia necessaria d'aquella, e em sepultura ao lado e feição das outras foi enterrado o cadaver, colonestando os vencidos a sua derrota com uma deliberação, só então apparecida, do ser. Arcebispo Primaz que mandava dar sepultura em sagrado ao finado, visto não ser excommungado (e posto em vida fora do gremio da Igreja...

Não fazemos commentarios ao caso, que bem os dispensa elle e só observaremos, como causa muito para se meditar, por «curiosa», que jámais o parcho deixou, segundo nos consta, de ir por occasião de Paschoa dar as boas festas ao sr. João Alves de Lima, e de receber os 500 réis com que este generosamente as agradecia...

Para isso era elle catholico, e apostolico, romano...

Paz ao morto e juizo aos vivos!...  
O sr. Alves de Lima professava ideias republicanas.

### Assassinato

Na noite de sexta feira para sabado 7 para 8 do corrente por volta das 9 horas, recolhendo-se o mancebo João, filho de Manoel sapateiro, da freguezia de Santa Maria de Gallegos, d'este concelho, para casa de seu pae, foi assaltado um pouco acima do logar de S. João da mesma freguezia, por dois individuos (ao que se suppõe) que ali lhe saíram de emboscada, e descarregando os paus que traziam sobre o infeliz mancebo, o lançaram por terra gravemente ferido, sobretudo por virtude da pancada dada de um dos lados da cabeça, junto d'uma das fontes.

Acudindo gente aos gritos de socorro que o ferido soltou, condaziu-o em braços praa casa do pae, aonde não pôde fallar, nem dar explicações sobre o attentado e aonde faleceu na manhã do dia seguinte.

A justiça investiga.

### Renuncia

O revd.<sup>mo</sup> sr. padre João Pimenta, parcho collado que era da freguezia de S. Miguel de Carri'a, d'este concelho, acaba de renunciar esse beneficio.

### Fallecimento

Victima de uma congestão cerebral finou-se no dia 7 do corrente o sr. João Alves de Lima, latociro, d'esta villa.

### Outro

Faleceu no dia 8 do corrente o revd.<sup>o</sup> João Carlos de Sousa gomes, conego da insigne e real collegiada d'esta villa.

### Missa

Na proxima sexta feira, 14, terá lugar na igreja dos Terceiros, uma missa resada por alma do finado João Alves de Lima.

Vae convite no lugar competente.

### Prisão

Por ordem do sr. administrador do concelho foi preso «o melhor anjo» do assassinado em Gallegos!

Porquê e para que?

No proximo numero fallaremos sobre essa monstruosidade incrível, e desde já pedimos providencias promptas e energicas ao snrs. juiz de direito e delegado do procurador regio.

### Incendio e mortes

Na freguezia de Villar de Figos d'este concelho, arden ha dias uma pequena casa onde haviam ficado duas creanças que o fogo carbonisou.

Os paes estavam ausentes

### Attentados

Em Villa Franca de Xira, foi recentemente assassinado um rapaz de 22 annos, Francisco de Sousa, mais conhecido por Francisco da Coxa.

Os assassínios foram dois, os irmãos Raposos, dos Fornos da Matta, d'aquella villa, os quaes, depois d'atoro-dor com pancadas o infeliz, deitaram-no ao Tejo, d'onde foi tirado já ca-

daver.

Um dos assassínios desapareceu da localidade; o outro foi preso.

— Um alquilador, natural de Beja, sabendo que um lavrador que morava perto de Montemor-o-Novo tinha recebido uma porção de dinheiro da venda de umas propriedades, foi em companhia de outros homens, por alta noite, invadir a casa do referido lavrador, a quem amarraram e taparam a bocca. Queriam faser o mesmo á mulher e á filha do lavrador, rapariga de 18 annos de idade, mas esta gritou por soccorro.

O alquilador avançou para a rapariga, de punhal na mão, e ella, com o maior denodo, agarrou-se ao malfeitor e conseguiu desarmal-o. Então o alquilador desenvolveu um revolver e de certo mataria a rapariga se a este tempo não accudissem visinhos, que afugentaram os malfeitores. Parece que alguns d'elles, ou todos, estão implicados no assassinio de um rapaz em Beja. Os criminosos foram presos no dia immediato ao do assalto dado á casa do lavrador.

### Sinistro

Na freguezia d'Oliveira d'este concelho, deu-se ha dias um caso deploravel.

Um pobre lavrador, chamado Manoel Pereira Villela, estava n'um souto a cortar um soveiro, e tendo-se descuidado na direcção que a arvore devia tomar ao cair foi tão infeliz que, tombando aquella para o lado onde elle estava, apanhou-o debaixo, matando-o instantaneamente.

### Inauguração

No domingo 2 do corrente inaugurou-se em Villa Nova de Famalicão o novo hospital, assistindo ao acto as auctoridades locais e um concurso enorme de senhoras e cavalheiros.

Houve brilhantes festejos em todo o dia, bem como de noite.

O novo hospital está em boas condições hygienicas, e é situado n'um dos logares mais pittorescos da villa.

### Diz-se

Diz-se que o sah da Persia está preparando o necessario para, no proximo anno fazer, uma nova viagem á Europa, durante a qual visitará a Alemanha, Italia, França, Inglaterra e Hespanha.

Não se falla em visitar Portugal! Pois, sr. Sha, V. M. perde muito em não vir até aqui; onde tem muito que aprender para a boa governação dos seus estados.

### Os justos

Assim como o senhor do pomar ás vezes colhe a fructa verde por lh'a não levar outrem, assim, diz Frei Heitor Pinto, colhe Deus ás vezes para si os justos no principio da sua vida, por lh'os não levar o muado.

### Mausoleu

Consta-nos que se promove uma subscrição entre os artistas d'esta villa para levantar sobre o tumulo do seu finado companheiro o sr. João Alves de Lima, um modesto mausoleu. Applaudimos a ideia pela sua elevada significação, e por ser a realisacão d'ella em justo preito á memoria do cidadão.

**ANNUNCIOS**

**ALUGA-SE**

**JOZÉ** Gomes Agra da freguezia d'Alvellos tem um carro de quatro rodas tirado por um cavallo o qual freta para toda a parte.

81

**VENDE-SE**

Manoel José Ferreira Ramos, tem para vender uma grande lagareta que muito bem supre um lagar, que tem na sua quinta de Arcuzello.

(6)

**ALUGA-SE**

Manoel Ródrigues, da freguezia d'Oliveira, deste concelho, tem um carro de quatro rodas, puchado por um cavallo, que aluga por preço commodo; as pessoas da sua freguezia ou de outra qualquer, podem vir n'elle, todas as quintas-feiras, para Barcellos;—tambem o aluga para qualquer parte.

(5)

**O VIGOR DO CABELLO**

**D**o dr. Rubber é o melhor producto inglez conhecido e recomendado em Inglaterra para os seguintes fins:

- 1.º Completa renovação do cabelo branco á sua primitiva cor, preto, castanho, ou louro.
- 2.º Provocar a nascença e crescimento do cabelo fraco, e de outro que tem caído por doença.
- 3.º Conservar o casco livre de doenças, e faser dissipar a caspa infallivelmente ao cabo de dois dias.
- 4.º Fortalecer o cabelo dando-lhe um brilho muito agradável, tornando-o muito sedoso e macio, tendo a vantagem de não manchar o casco da cabeça ou a roupa branca, não alterando o seu effeito á acção do sol ou do suor.

Emfim o «vigor» do dr. Rubber (visto o cabelo branco ser uma do-

ença como outra qualquer) é o remedio infallivel que deve ser usado por todas as pessoas que se devem curar de uma molestia que não respeita muitas vesez nem as pessoas novas.

O «vigor» do dr. Rubber, é hoje o melhor preparado para conservar o cabelo, dando-lhe o brilho da juventude, assim como tambem é o preparado mais economico, porque os frascos são muitissimo grandes.

**O restaurante do dr. Rubber.**—A applicação do restaurador da belleza, torna a cutis macia e alva, dando-lhe a formosura a mocidade, tira as sardas, panno da cara e o tostado do sol.

O Restaurador da belleza deve ser usado por todas as senhoras elegantes em lugar de pó de arroz, porque torna a cutis muitissimo clara e não se pôde conhecer a sua applicação, o que não acontece com o pó de arroz, que muitas vezes faz effeito contrario ao desejo.

As plantas mais hygienicas entram na sua fabricação, o que faz com que tenha um cheiro muitissimo agradável e penetrante. O restaurante do dr. Rubber tambem é muitissimo recommendavel para banho, no qual uma quarta parte do conteúdo de cada frasco dá um bello aroma e torna o corpo aveludado.

**La tintura do dr. Rubber.**—Torna rapidamente o cabelo á sua primitiva cor, preto, castanho ou louro.

A prova que esta tintura não tem ingredientes que a tornem nociva, é que pôde ser usada no cabelo, bigode e barba, sem deixar mancha alguma tanto na cutis como nos collarinhos.

**Oleo do dr. Rubber.**—Todas as pessoas devem ter presumpção na formosura do cabelo; o dr. Rubber inventou um preparado a que poz o nome de OLEO (mas que tal não é), cuja applicação na cabeça penetra nas bulbas capilares, faserdo nascer e crescer o cabelo debil, enfesado e outro que tem cahido por doença, dando-lhe força e brilho.

Este preparado é o unico no seu genero que dá lustro ao cabelo tornando-o flexivel e sedoso; sem deixar NODOA alguma, o que não acontece com oleos e pomadas, que suam o casco da cabeça, coadjuvando a formação da caspa.

A venda no Porto, **drogaria medicinal do Abreu**, rua de Bellomonte n.º 8 e 10.

Deposito e agencia geral em Portugal para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e esclarecimentos: Antonio Dias rua do Arco do Marquez d'Alegrete, 65, Lisboa, drogaria Lusitana.

(10)

**COMPANHIA PORTUGUEZA**

DE

SEGURO DE VIDAS DE ANIMAES SOCIEDADE ANONYMA

RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL 500:000\$000 réis



Esta companhia toma seguros contra o risco de morte nos animaes de todas as especies existentes em qualquer ponto do paiz.

São por este meio convidados todos os proprietarios lavradores e creadores a comparecerem n'esta agencia aonde se prestam todos os esclarecimentos precisos para se effectuar este importante e vantajoso ramo de seguros.

**SÉDE DA COMPANHIA**

RUA DA FIGUEIRA, N.º 2

**LISBOA**

O agente Domingos de Figueiredo. Morador na rua Direita de Barcellinhos.

(3)

**PILULAS E UNGUENTO DE HOLLOWAY.**

Estes Medicamentos obtem uma accção e uma venda mais universaes do que qualquer outro remedio no mundo.

**As Pilulas** são o melhor purificante conhecido para o sangue, corrige todas as desordens do figado, e do estomago, e são igualmente efficazes nos casos de dysenteria; finalmente como remedio de familia não tem rival.

**O Unguento** cura prompta e radicalmente as feridas antigas, chagas, ulceras (ainda que tenham vinte annos de existencia) e é um especifico infallivel contra as enfermidades cutaneas por mais malignas que sejam, taes como, lepra, escorbuto, sarna, e todas as affecções do pell. Cada caixa de pilulas, e pote de unguento vão acompanhados de amplas instrucções para o uso do respectivo medicamento, podendo se obter estas instrucções em todas as linguas conhecidas.

**As preparações de Holloway** vendem se em todos os paizes do mundo, (sem exceptuar Sina, China, India, as Ilhas do Archipelago Oriental, Syria, Arabia, Grecia, e Turquia) e ne nosso encontram se em todas as principaes Boticas.

**TYP. BARCELLENSE**

**RUA DIREITA.**

Esta typographia encarrega-se de imprimir cartas, ciculars, editaes, avisos para pagamento, mapas, ordens de pagamento, e qualquer outros trabalhos.

Trata-se nesta typographia.

**EDITOR RESPONSÁVEL**

JOÃO DE SÁ FARIA